

## Migração e remessas na América Latina e Caribe: Fuga de cérebros e estabilização econômica

---

[Svetlana Cerovic](#) e [Kimberly Beaton](#)

**29 de junho de 2017**

Muitas pessoas da América Latina e Caribe vivem e trabalham no exterior. Os migrantes deixam seus países de origem em busca de melhores oportunidades de emprego e, em alguns casos, de um ambiente mais seguro. Suas famílias na terra natal muitas vezes beneficiam-se das remessas enviadas do exterior, que lhes permitem melhorar seu padrão de vida, suas condições de saúde e sua educação. As remessas proporcionam também recursos financeiros para o comércio e o investimento, o que contribui para estimular o crescimento do país de origem.

Em alguns casos, porém, o impacto sobre outras áreas no país de origem pode ser negativo, porque o migrante típico é jovem e altamente qualificado (médico, enfermeiro ou engenheiro, por exemplo), e sua saída reduz o potencial econômico do país.

Na edição mais recente do relatório [Perspectivas Econômicas Regionais: As Américas](#) constata-se que a emigração e as remessas produzem, em conjunto, um efeito pequeno e negativo sobre o crescimento real per capita de grande parte da região, com algumas variações entre as sub-regiões. Do lado positivo, as remessas têm efeitos benéficos para a estabilidade.

### **Padrões de migração e remessas**

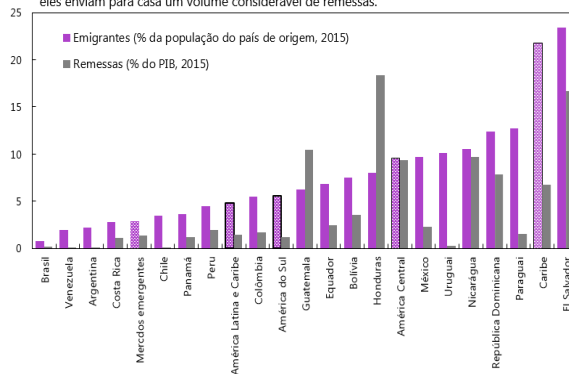
A emigração tem sido um fenômeno importante para os países da região, sobretudo no Caribe, na América Central, no Panamá, na República Dominicana e no México. Nesses países, os emigrantes correspondem a quase 10% da população — em comparação a cerca de 2%, em média, nas demais economias em desenvolvimento e de mercados emergentes de todo o mundo. Eles enviam volumes consideráveis de dinheiro — cerca de 6% do PIB, em média — para sustento de seus familiares no país natal.

Embora alguns países latino-americanos, como Paraguai e Uruguai, tenham grandes contingentes de populações emigrantes, mesmo nesses países o volume de remessas é incomparavelmente menor ao de seus vizinhos da América Central e do Caribe.

Cerca de dois terços dos migrantes da América Latina e Caribe vivem e trabalham nos Estados Unidos, de longe o destino mais procurado. A forte dependência de um único país de destino torna o futuro econômico dos migrantes da região — e as remessas que eles enviam para casa — suscetível às oscilações econômicas e mudanças nas políticas de imigração dos EUA.

### Cuidando da família

O número de emigrantes da América Latina e Caribe está entre os mais altos do mundo, e eles enviam para casa um volume considerável de remessas.



Fontes: Divisão de População da ONU; Banco Mundial; FMI; base de dados do WEO e estimativas do corpo técnico.



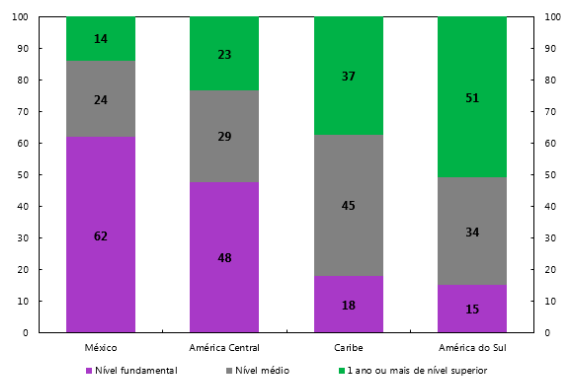
### Quem são esses emigrantes?

Os emigrantes do México e da América Central tendem a ser mais jovens (com idade média de 20 anos) e menos escolarizados que os da América do Sul e do Caribe. Entre os caribenhos, cerca de 40% possuem alguma formação superior (ou mais). Com uma grande parte dos trabalhadores qualificados a deixar os países de origem, a região do Caribe, em especial, tem sofrido os efeitos da “fuga de cérebros”. Já os emigrantes do México e da América Central, de baixa escolaridade, tendem a trabalhar em empregos de baixa qualificação e baixos salários, mas também tendem a enviar uma parcela maior de sua renda a suas famílias.

### Escolaridade dos imigrantes

O nível de escolaridade dos imigrantes que chegam aos EUA provenientes do México e da América Central é inferior ao dos imigrantes da América do Sul e Caribe.

(porcentagem de imigrantes, por nível de escolaridade)



Fontes: 2008 American Community Survey; e cálculos do corpo técnico do FMI.



### **Efeitos sobre o crescimento**

A saída de pessoas em idade ativa reduz a força de trabalho e enfraquece o crescimento do país de origem, e é provável que esse efeito seja mais pronunciado nos países que enfrentam a fuga de cérebros. Mas o dinheiro que os migrantes enviam para casa traz alguns benefícios para suas famílias e proporciona recursos financeiros para o comércio e o investimento.

Nossa [análise](#) sugere que o impacto global dessas forças depende do perfil dos migrantes e do volume de dinheiro que enviam para casa, com efeitos líquidos diversos sobre o crescimento na região.

Nos países com emigrantes altamente qualificados, como os do Caribe e, em menor medida, os da América do Sul, o impacto negativo da emigração sobre o crescimento não é totalmente compensado pelo dinheiro enviado pelos emigrantes. Já na América Central, os efeitos negativos da emigração parecem ser em geral compensados (ou mais do que compensados) pelos ganhos obtidos com as somas elevadas de remessas.

### **As remessas são uma fonte valiosa de estabilidade**

Embora os efeitos da migração e das remessas sobre o crescimento não sejam totalmente claros, as remessas podem ser uma fonte valiosa de estabilidade econômica.

Nossa análise sugere que as remessas são uma fonte importante de renda e podem apoiar o consumo dos países de origem quando a economia está enfraquecida. Constatamos, por exemplo, que os emigrantes tendem a enviar mais dinheiro para casa após catástrofes naturais, especialmente no Caribe, a região mais exposta a grandes desastres naturais.

Constatamos ainda que as remessas podem apoiar a estabilidade financeira ao fortalecer a capacidade de pagamento dos tomadores e contribuir para a geração de receitas para o governo, que tributa os gastos decorrentes das remessas. Por último, ao analisarmos mais a fundo a experiência do México, constatamos que a migração e as remessas podem ajudar a reduzir tanto a pobreza como a desigualdade, uma vez que a maior parte das remessas se destina a famílias de baixa renda.

### **Inclinar a balança para o lado positivo**

O que os países podem fazer para colher os benefícios e, ao mesmo tempo, minimizar os custos da emigração e das remessas? Em geral, recomendamos políticas que busquem reduzir a emigração e que, em simultâneo, apoiem as remessas e incentivem seu uso produtivo pelas famílias beneficiárias.

Os países devem mirar políticas estruturais que tornem mais atraente a permanência das pessoas e o retorno dos emigrantes, inclusive ao reconhecer qualificações profissionais adquiridas no exterior, bem como reformas que limitem a fuga de cérebros ao fomentar, por exemplo, o desenvolvimento de um setor de turismo médico. Além disso, políticas que busquem estimular a oferta de mão de obra, sobretudo ao elevar a participação da mulher na força de trabalho, podem também ajudar a compensar o impacto adverso da emigração sobre a produtividade.

Uma vez que as remessas trazem muitos benefícios, as políticas devem auxiliar o desenvolvimento de canais financeiros formais para o envio de recursos dos migrantes para o país, bem como reduzir o

custo do envio de dinheiro, inclusive através de novas soluções como os serviços financeiros via telefone celular, o chamado *'mobile money'*.

Políticas eficazes para melhorar a situação de segurança em muitos países da América Central e do Caribe podem também aliviar os gargalos para o uso produtivo das remessas, inclusive seu maior uso no investimento em pequenos negócios.

Nos países altamente dependentes da entrada de remessas, é importante garantir que existam margens de proteção financeira adequadas — como reservas do banco central — para compensar uma possível queda de remessas associada a choques econômicos negativos ou mudanças nas políticas de imigração dos países de acolhimento.

\*\*\*\*\*



**Svetlana Cerovic** é economista do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, onde é responsável pela República Dominicana. Anteriormente, trabalhou com uma série de países no Departamento do Oriente Médio e Ásia Central e foi Assessora do Diretor Executivo. Antes de ingressar no FMI, foi economista do Banco Central de Montenegro.



**Kimberly Beaton** é economista do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, onde faz parte da equipe do Panamá. Anteriormente, foi Assessora Sênior do Diretor Executivo para o Canadá, Irlanda e Caribe. Antes de ingressar no FMI, foi economista do Banco do Canadá. Tem mestrado em Economia pela Queen's University do Canadá.